

POEMAS EM CONTRA

DIÇÃO

E

x

e

r

c

í

c

í

o

de

penas

e teímas



Nazareth Bizutti

Nazareth Bizutti

POEMAS EM CONTRA (E) DIÇÃO
Exercício de Penas e Teimas

1ª Edição - Nova Xavantina
Mato Grosso
2008

BIZUTTI, Nazareth, Poemas em Contra(E)dição – Exercício de Penas e Teimas: Poesia, Nazareth Bizutti. Nova Xavantina, Edição I – Ano 2008.

ISBN: xxxxxxxxxxxxxxxx

Texto em português.

1. Poemas em Contra (E) dição – Brasil. I. Título
2. Exercício de Penas e Teimas - Subtítulo

Capa: Nazareth Bizutti

Formato 15x21 cm

Capa C/Aba 4/0 Cores Papel Triplex 250 C/Laminação Fosca

Fonte: Garamnod 12

Miolo: Páginas: 80, Couchê 115 Gramas

Lombada quadrada

APRESENTAÇÃO

Definir o livro POEMAS EM CONTRA(E)DIÇÃO como uma obra literária de prosa poética seria enfaixá-lo dentro daquilo mesmo em que se propõe. O delicioso livro em que o leitor tem agora nas mãos é um lírico escrever da autora Nazareth Bizutti através de poemas onde são revisitados temas de infância, juventude e muito do nosso cotidiano.

Dotada das mais diversas capacidades artísticas, das artes plásticas ao teatro, da gravura à escultura, é na poesia que a autora nos brinda nesta coletânea de poemas, em uma mostra do seu talento em combinar palavras, emoldurar o tempo, decodificar gestos, arrematar emoções e decupar, como um editor de filmes, cenas de nosso dia-a-dia.

No primeiro momento, o leitor se depara com o arauto de um Madrigal Pilimpilante, uma pequena porção do que ainda está por vir. Na medida em que avançamos nos poemas, a autora nos revela o “ser das coisas simples a simples razão de ser”. A pureza da chuvinha fina a chuvejar de alegria, lavando a alma do leitor, como se buscasse abrir mentes e corações para as próximas páginas.

“Na sombra de um inseto tonto tento o olhar fitar atento” são pequenas e preciosas combinações de palavras que não conseguem passar despercebidas ao olhar atento do leitor sensível aos versos de Nazareth Bizutti nesta qualidade específica de obra literária que é o Poema.

É na música que o poema, em suas raízes históricas, encontra a sua relação. Na Idade Média o poema era cantado, só depois foi separado do acompanhamento musical. Portando podemos falar que a autora mantém o tom em todos os seus poemas, sem desafino algum.

Do início ao fim da obra, entre divagações, reflexos, cantorias do cotidiano, vão se revelando personagens como D. Olga, o velho, Rosinha e tantas margaridas trazidas da imaginação audaciosa e singular da autora. É como se Nazareth Bizutti sobrevoasse o tempo e o espaço desvendando-nos de forma particular, a estética e o lirismo de suas paisagens.

POEMAS EM CONTRA(E)DIÇÃO descortina-se para o leitor em temas relegados ao esquecimento – as lavadeiras, a paisagem mineira, a menina, a borboleta, a dançarina. Entre o fluxo e o refluxo, de memórias e esquecimentos, de dias e de noites, de tarde e manhãs numa transpoética dos espaços que se percebem no retalhamento de palavras conexas em um louvável exercício de Penas e Teimas.

Eis um livro de poemas subversivamente correto, onde em palavras da própria autora, “desabrocha a vida meio terracota”, onde o menino encontra o poeta dentro do cristal, em que a Margarida, no seu último e derradeiro ato de Vida e Morte, “bebe a lágrima de sua última seiva”.

Convido o leitor a entrar no universo cria-ativo de Nazareth Bizutti e saborear do néctar deste banquete teatral de palavras, onde “o poeta arranca o suor da lágrima à rima”. O privilegiado espectador desta peça em Poemas encontrará muitas paisagens entre tantas um “campo coberto de sol onde a garoa fina vem desenhar a lembrança”.

José Carlos Gomes

MADRIGAL PIMPILANTE

Chuvinha fina
afina meu olhar
perdido no seu crespingar

Chuvinha a chuviscar alegria
rega a paisagem

Dissolve meu pensamento líquido
a entender no acinzentado matinal
seu flutuar

Chuvinha fica
purifica o despertar
lava a alma da manhã
leva seu brotar de semente
às entranhas da terra
O coração do gênio das águas habita seu farfalhar

Chuvinha não vacila
Pimpila
Pilimpimpala
seu crespingar

POEMA QUE A CHUVA CONHECE

Bate a chuva mansa e macia
na vidraça baça
esfarelando o céu cai
contra o dia
conta o dia outro ai

Os pingos na dança do olhar
brincam de molhar a paisagem
numa rota marota
como se fosse hoje o primeiro dia de chuva

O gênio das águas canta chuvisco
em ritmo pimpilante
pilimpimpante pelas poças
em rodamoinho

As gotas correm no fio elétrico rápidas
Caem
Crianças colam o rosto nas vidraças baças
nariz achatado, olhos fixos fitos desfeitos
na chuva caída
e na corrida dos barcos de papel
pelas ladeiras da vida

Enquanto isso o sol prepara a festa do arco-íris.

MEU BARCO

Embarco navego
o mar não me espelha
o horizonte se espalha

Vim navegar

O oceano me atesta
em ondas contesta
levando meu barco

No arco celeste as velas soltas
as brisas marinhas num leve soprar

Sigo a cantar

Aporto num porto qualquer
trazendo esperança
minhas mãos
minha dança de ritmo diverso
meu sonho meu verso

Volto a navegar
embarco meu barco
que já não é de papel
e ...
Sigo buscando rimas no mar.

LOTAÇÃO

Frases fases

o ponto o ônibus o banco

a criança o velho a roleta

o choro

o cobrador

cobra-dor programado

o banco dos bobos

as pessoas à janela

a buzina a paisagem já passada

o motorista a legenda

o anúncio programado

"NÃO FALE COM O MOTORISTA

É PROIBIDO FUMAR

LOTAÇÃO 36 PASSAGEIROS SENTADOS"

Em pé quantos?

o esbarrão o pisão

Não fale é proibido

o motorista fumar

lotação 36 passageiros

sentados 36 motoristas

passageiros não falem

proibido lotação

fumar o motorista

S T O P...

ponto final

INDEFINIDO

Algo invade meu ser
arde alma
sopra brisas lisas
no entardecer perdido

imensa ternura... espumas em mim

Meu mundo espalho em carinho...

Fenda de longínquo azul me contém

Algo imenso penso
nesse crepúsculo corpúsculo
azul de azul-alado e luminoso

Algo que é sonho de borboleta
que é sorriso verde de vegetal
que o perfume contém
que se perde no cristal

Algo que não sei definir

VERSEJANDO

Rima que d'alma sai
ai...

Rima que n'alma fica
cai...

Sonho que sobe esvai-se
Sonho que se edifica

Mensagem que a brisa entrega vinda de além mar

Modo de ser e amar
Modo de se entregar
Luz que ilumina o azul
Deixa essa brisa ficar
Por todo lado por todo lugar

Sonho que vai subindo
E na forma de arco-íris
Brinca de colorir

Rima que n'alma fica
ai...
Rima que d'alma sai
cai...
Se faz brinquedo de criança
Com sabor de esperança

E no espaço com o tempo marca compasso
O coração...

ESTRELAS

Estrelas... corações pulsando
no ritmo dos mistérios
na melodia dos sistemas
na harmonia das esferas

Vi uma estrela
longe no azul
tive vontade de alcançá-la
ouvi-la

Como disse o poeta
Ouvir estrelas
é conversar com o brilho
e escutar cintilações...

REFLEXOS

A neblina se espalha
molha a noite menina
nina
acolhe

O sonho criança
brinca e dança

entre os reflexos
lança limites me envolve
nos braços da madrugada

Cambaleia se dispersa
se embaraça me embaça
me disfarça
e dilui minha idéia de flutuar.

DIVAGANDO

Na sombra de um inseto
tonto teto tento
o olhar fitar atento

A lâmpada... a borboletinha
esvoaçante
nervosa no calor do ambiente

Rodando rodopiando mil voltas
se debate
bate na lâmpada
O brilho das pequeninas asas
em brasas refletidas
Pedacinhos de brilho a esvoaçar

Cores nos raios de luz

A borboletinha enorme
refletida na parede
Meus olhos lá ficaram

A borboletinha parou
ousou
pousou
na cúpula da lâmpada

e... a perdi de vista...

SALA DE ESPERA

Um vegetal amarelando
relando na parede
gente naturalmente esperando
entre os olhos e as coisas

Um cigarro o pigarro
a fumaça azulada no ar
a esperança
herança cotidiana

Um taque taque taque
de máquina
acompanhando o tic-tac
o tic
o cacoete

Envolvendo o silêncio
um sorriso tímido
os olhos baixos fixos
um bate-papo apagado no canto

Gente que atravessa a sala
do avesso
um misto de pressa e carranca
entre troca de gentilezas
arranca a espera da sala
E vem colocá-la dentro do homem

BEIJO

Minha boca acostumada co'a tua

Guarda o beijo que ficou
repousa o desejo

Minha boca acostumada co'a tua

Guarda o terno beijo
eterno num momento

e fica em mim

Minha boca acostumada co'a tua

Minha boca
oca
acostumada

Marcada da tua

RECHEIO

Dia cheio
recheio de tempo vazio
gosto de infância
reentrância

E abandono
de bolas de gude
e bolos de terra
na calçada.



CONTANDO O COTIDIANO I

Dona Olga e o galo
O galo canta a madrugada
amanhecendo a manhã sendo
e dona Olga se levanta
bate a panela acorda o gato
toma banho ferve o leite
teima e cospe no terreiro
quebra os ovos espanta o pato
côa café fuma cachimbo
bate na pia amassa pão
acorda o Juca o Zé o João

Arrasta o chinelo esfrega roupa
pára senta escolhe feijão
mexe a polenta lembra da reza
zanza na casa limpa poeira
enche o balde fecha o poço
soca o milho põe a mesa
lava louça enche o vaso
dá alfafa ao potro manso
rega a horta corta o mato
troca de roupa ...

Puxa assunto com o canário
abre a porta apaga o forno
enfeita a torta lava a mão
e lá larilará uma canção

espera o Juca o Zé o João
pendura a vida na cadeira
o paletó do Zé
fica de pé

esquenta o jantar
Fala da flor que ela plantou
escuta a luta deles no dia
solta um suspiro
olha a lua
anda um pouco mais devagar
garra o crochê xinga a vizinha
que deu no gato com um pau de vassoura
ralha co'Juca zanga com ternura

Recolhe a roupa do varal
recorda o dia de festa na vila
lava o rosto
toma chá de erva-cidreira
beija o pai dos filhos
olha os meninos
dá bênção

folga boceja
solta o cabelo
e de joelho aos pés da santa
reza um Pai-Nosso

E vai dormir a dona Olga
seu sono cansado
cheio de sonhos que ninguém sabe

Até que o galo canta
e dona Olga se levanta.

CONTANDO COTIDIANO II

O velho caminha
caraminhola
coça a cabeça
acende cigarro
puxa pigarro
senta no banco
branco cabelo
pensa na vida
aposentadoria
olha a foto da família
amarelada
enfiada na carteira
acompanha o passo das pessoas
tira óculos põe óculos
joga o toco do cigarro
engole seco
corta caminho por um beco
e se tranca co'a solidão
num quarto de porão
liga um rádio rouco
frita um ovo choco
se põe a par das notícias
de um jornal da semana passada
e engordura sua vida ensebada engraxando sapato
vira mais uma página
do seu livro de costume de certeza
respira profundamente o cheiro de mofo
e adormece de luz acesa
sonha co'a loteria esportiva
co'a dona da pensão
com o neto, com um projeto secreto
com sua paquera discreta e ... etc. etc. etc.

CONTANDO COTIDIANO III

Rosinha rosada
de rósea manhã
Rosinha na roça
plantava roseiras
arrumava o vaso em cima da mesa
das rosas colhidas das suas roseiras
Rosinha rezava a Ave-Maria
de noite e de dia
no altar caseiro
Rosinha na porta esperava
rindo a vinda do amado
Zé Pitangueira
olhando de esgueira
ele de soslaio
o namoro o balaio
a rede os retalhos
o crochê a lã desfiada
rolando no alpendre
e o gato brincando
o resto estava espalhado
nos cantos de um jeito qualquer
ajeitado a seu modo
mas sempre na mesa
Rosinha mantinha
o vaso de rosas
ao lado o retrato
do seu Zé Pitangueira.

CONTANDO COTIDIANO IV

As horas tardam
a xícara de café fede
as horas tardam
e as luzes das casas são acesas
essas luzes baças
que se fecham nessas vidraças
as horas tardam
ardem

E o rumor suor das coisas
volta a ser silêncio
e os objetos continuam parados
Tudo retorna
retoma seu velho lugar de coisa cansada
e as horas tardam
seus tic-tac rodando sempre
no mesmo sentido horário
Essas coisas guardadas cheiram a mofo
a roupa velha
o livro velho
o relógio o armário a mágoa
no mesmo tom pálido das flores de papel
o mesmo cheiro enjoado do frasco quase vazio
que nunca se acaba
e as horas tardam

A espera contínua do dia que continua
e fede e demora
a porta fechada a fachada a janela fechada
deixando entrar pela veneziana um vento frio
soprado de onde?

Só a fumaça é quente
só há fumaça quente
tentando desenhar o ambiente
cansado das mesmas formas
E o azul se desfaz nas sombras
nas sobras lentas da noite
mostrando as estrelas
lascas de idéias
lentes de aumento

No fundo de um cinzeiro cheio de pontas
curtidas contadas e separadas em maços diários
na chama do fósforo a chama da vida me chama
e a chama das horas tardias distâncias
e agora que quilômetros
de olhos interrogativos ativos cartazes

As horas tardam
e o tempo fica mais curto curtido
tido entre a distância dos olhos
e do relógio lógico
réu lógico
assassinando a vida dos ponteiros.

DESCAMINHOS

Da loucura dos caminhos
deixe-me falar um pouco
deste mundo louco
neste canto rouco
choro tantas mágoas
ando tantas léguas
perco minhas mãos
chamo meus irmãos
vejo tantas luzes
fincam tantas cruzes
neste mundo louco
feito de notícias
nesta vida à toa
que sua e soa
penso passo a passo
esqueço meu cansaço
neste canto rouco
que é meu soluço
paro e me aborreço
e já falei demais
da loucura dos caminhos.

POETA DA VIDA

Muito poeta da vida
perambulei o mapa urbano
e no deserto de colunas
vi o oásis dum jardim
e deixei minha tristeza vagar vaguear
por entre as folhas
ainda muito verdes

muito poeta da vida
permaneci encostada numa árvore
dessas que plantam pelas calçadas
pro oxigênio não parecer tão escasso

vi um bando de crianças
no seu direito de ser criança
brincando num canteiro

muito poeta da vida
conversei com as pessoas
nesse mundo tão cheio de originalidades
e coisas do último tipo
ou de um século atrás
me informei das informações saturadas
e agora vomito esse cansaço

Se ... algo tivesse acontecido
Se ... algo tivesse mudado.

POEMAR DOS BARCOS

Barcos brancos
velas tontas soltas

Barcos pretos
velas lentas atentas

Barcos tontos soltos
velas brancas

Barcos lentos atentos
velas pretas
Barcos brancos pretos
velas lentas soltas atentas
no vento que venta que inventa que venta
Barcos brancos soltos
tontas velas lentas
no vento que venta que inventa que venta
Brancos barcos
Barcos pretos

Barcos que voltam vagueiam n'água
alargam olhar alagam
na mágoa do mar naufragam

Barcos brancos pretos barcos
Barcos baços velam embalam

brumas brancas velas
barcas velas
barcas belas baças
barcos embalanços.

RENASCIMENTO

Nasci da vida
numa montanha escarpada
esculpida de vento
nasci da ventania
na brisa de um gemido
calado de ser
nasci de morrer
no corte do tronco caído
colhido nos traços do caminho

Nasci do nada
de um tempo de espadas
perfurando corpos de sol
nasci da saudade do som
do céu do mar
do celular contato
do sangue novo
do santo no seio da sorte

Nasci forte e fraca
no fluxo e refluxo secular do sêmem
nasci do além
do alimento do hálito quente
do hábito ente do ambiente

Nasci do âmago amargo doce da alegria
nasci da fantasia realidade
fantasma dos momentos
das mímicas dos mitos
dos místicos mistificadores

Nasci dos restos dos rastros
nasci do impossível e da possibilidade
do necessário e do próprio
do absurdo e do substrato
Nasci da tinta que escorre do arco-íris
não importa quantos pais eu tive...

Nasci no regaço da mãe universal
nasci do sol do silêncio
do suor da dor
na membrana cósmica
perfurei atmosferas esferas feras
nasci do secreto do sacrifício
das correntes dos entes
das chamas dos chamados dos apelos
do sem nome pequena enorme
nasci das águas roladas germinativas
dos labirintos da magia do dia
nasci da poesia.

TOUPEIRAS

Essas toupeiras que nadam pelas ruas
com as cabeças enfiadas em guarda-chuvas
com medo da garoa fria (agorafobia)
tropeçam nos próprios pés
bebem cafés
fedem

E ainda pensam estar dentro de úteros
só distinguem o ruído das buzinas
campainhas dos próprios passos

Essas toupeiras enfiadas
no uniforme diário desses escritórios
escondem-se nas tocas
cheias de aparelhos retransmissores
e fazem suas fofocas necessariamente
na trama demente
de alucinados projetos
a mais potente reação a rua a ação
a impossibilidade de ser, amofinar
enfeitam-se de mediocridade
tentando filhos dentro de ampolas
obsevando a mãe-estufa ranger com o primeiro pontapé
perguntando sempre por que naturalmente a rosa
desabrocha

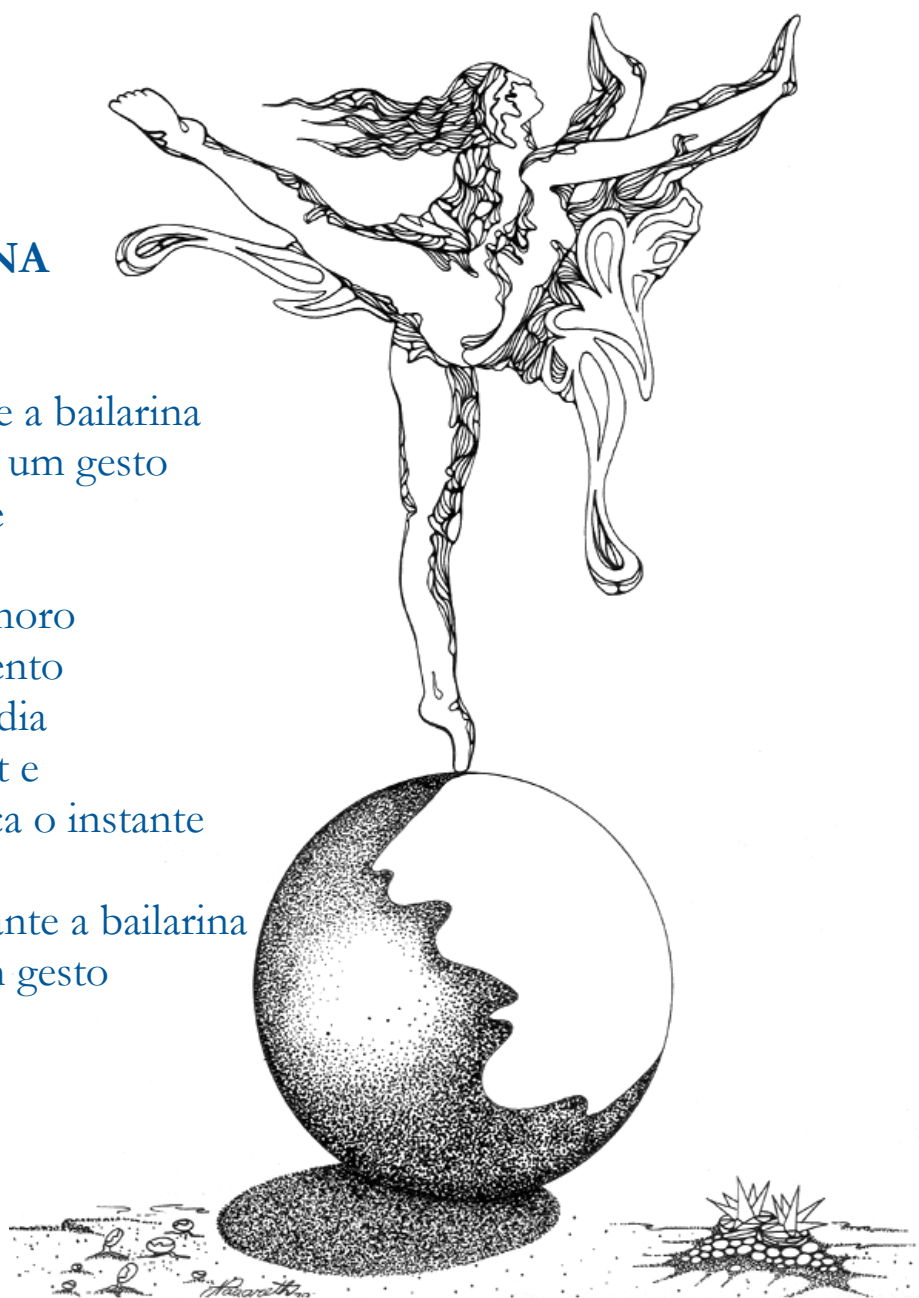
Essas toupeiras que silenciosas
roem unhas, uivam seus afazeres
se aprofundam na leitura dos jornais
página de ações vírgula valores da bolsa
discutem o resultado sempre
jantam juntam-se e vão dormir cedo
o medo de nunca mais acordar.

A BAILARINA

Branca e suave a bailarina
rodopia sobre um gesto
bela como ave

No espaço sonoro
cria o movimento
rompe a melodia
m o l e m e n t e
o passo alcança o instante

Branca e vibrante a bailarina
salta sobre um gesto
e pára
pára no ar.



ENTREGA

Hoje quero que minha tristeza
tenha o gosto amargo
de todas as tristezas

E minhas lágrimas rolem
com todas as lágrimas
quero ser triste
enquanto posso ser triste
e abraçar todos que choram
e que sorriem

Todos... enquanto meu abraço der
enquanto minhas mãos tiverem
o tamanho de minhas mãos
e meus olhos ainda olharem para os lados...
enquanto meus ouvidos forem calados
e minha boca escutar qualquer lamento

Enquanto minha dor for só minha
e minha alegria de todos
enquanto eu puder apertar a mão do inimigo
ir contra as coisas feias e frias
em nome da beleza

Enquanto a beleza que eu sinto tornar bela
a beleza dessa janela
e um pouco mais...

Z'ÓIA

Z'óia os'óio dela
z'óia fundo
dentro dos'óio dela
tá tudo mundo

Z'óia as mão dela
z'óia fundo
dentro das mão dela
tá tudas frô do mundo

Z'óia bem devagar
vê comela é bonita
tuda cheia de trança
tuda cheia de fita

Z'óia o corpo dela
vê comele é bonito
tudo cheio de curva
nesse vestido de chita.

LUAR

Metade da lua
flutua
balança seu arco
se finge de barco

e a mulher nua
atravessa o espaço
com seu passo de lua
dilui a outra metade
invade

Arca ou arco
desfaz o barco
esfinge de barro
jarro que conserva
o néctar

E a metade da lua
flutua
feito mulher nua.

VIRA-VOLTA

...

Ele é meu amigo e continua por lá
já perdeu até os dentes
e continua por lá
e conserva aquele jeito
de quem continua por lá
de quem continua

Já rodei tanto mundo e voltei lá
e vi que as coisas continuam por lá
e vi que as coisas continuam

Voltei sabendo que a vida continua por lá
do mesmo jeito continua por lá

Voltei e vi o amigo
que me deu o mesmo aperto de mão
o mesmo abrigo de quem continua
de quem continua por lá.

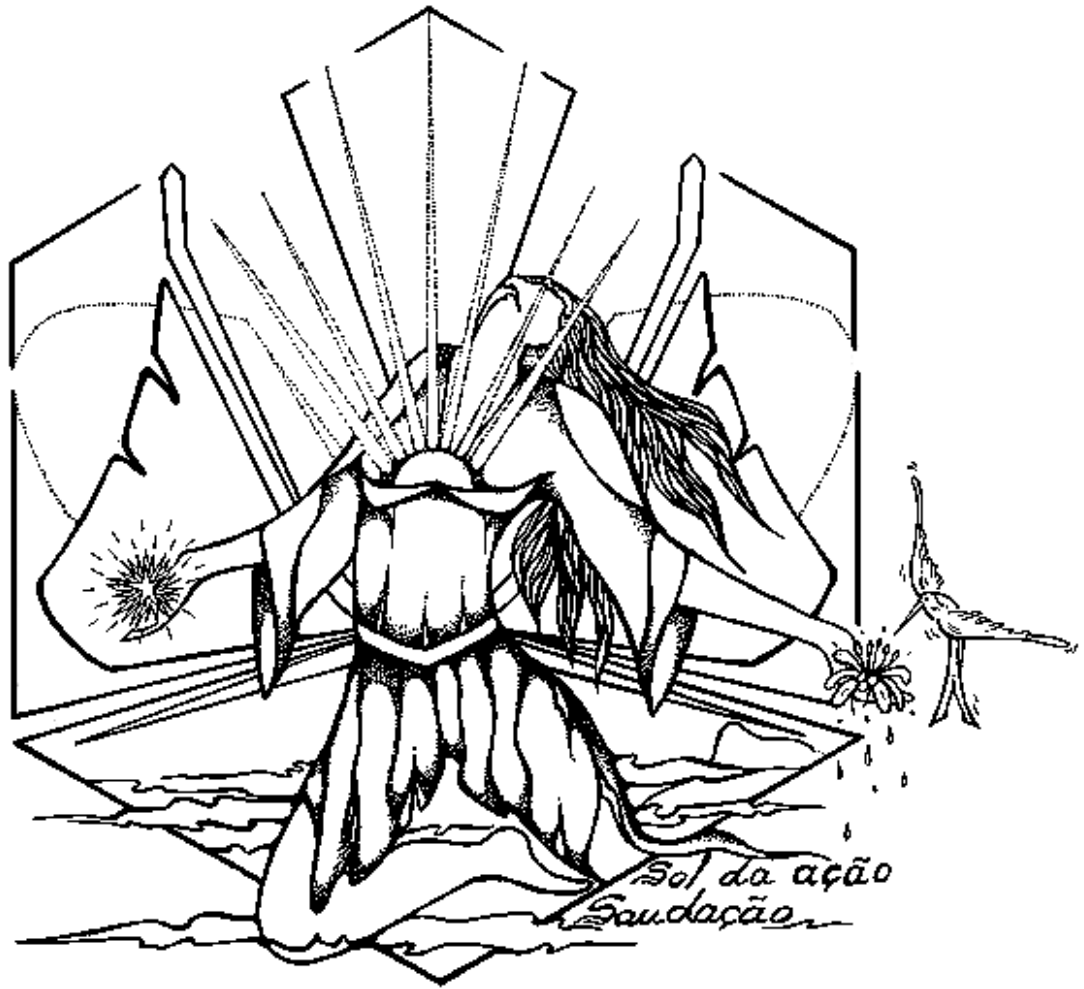
DESATINO

Meus olhos dentro de ampolas
minhas mãos buscando tolas
apertar todos os botões
abotoar todas as mãos
desabrochar até as flores murchas

Cabelos enrolados
agulhas perfurando veias
corações sobre esteiras

O sonho acabou

Venham sereias desmaiar na praia
que o mar esculpiu de amor
no volume de dois corpos.



Sol da ação
Saudação

NASCIMENTO VIDA E SORTE DA MARGARIDA

(em três atitudes nascivimargarisortida)

CONCEPÇÃO I - ato primeiro e único

Na ponta de um filete
uma bolinha verde espigada
se arrepia
o dia boceja úmido
o sol ensaia o primeiro raio
um pedacinho de lua espia
e desmaia

A manhã se borda de brancos
até que a menina ousa
rodar a saia

E...
vai abrindo devagarinho
até despertar
desamarrota seu ar maroto
amarelo
caraminholado miolo

Olho a margarida

II ato - segundo e sagrado

POEMARGARIDA MAIOR

(Poemaiorgarida)

Sou sol sou lua
sol lua
solua só

Silhueta cinco vezes maior
projeta a flor só
sustentada por sua haste
fina resistente comprida

Margarida
sol no meio da lua
lua em volta do sol
lua-sol-lua
eclipse da semente astral
ciranda de branco e amarelo
elo entre mim e você sempre
entre as mãos cósmicas das constelações
sustentando nossas cabeças pensando
o mesmo som
margarida

Sol margarida
sou margarida
só margarida.

III ato - último e primeiro

depois...

abaixou as pétalas brancas
desbotou o amarelo
se abraçou
num desses abraços de novelo
se despediu
despiu o dia
murchando
emurhecendo...

O sol apagou
a lua mofou
a flor virou bolor

Margarida ida vinda
vivificada margarida

E...
bebeu a lágrima de sua última seiva.

ORAÇÃO

Hoje quero rezar como rezam as flores
e oram os pássaros no silêncio das coisas

Ficar no devagar das horas
a devanear perdidas ilusões

Quero rezar o cheiro forte da terra
o vento
a alma das coisas
orar entre andorinhas

Ser das coisas simples a simples razão de ser

Entregar no silêncio de tudo
o me ouvir vozes dentro
e sentir os rumores
saber o que navega o peito

Quero rezar com a alma cheia de amor
e as idéias cheias de estrelas.

ESPELHO

Espelho
rasga a lágrima invertida
vestindo a vida
dividida
Pranto
engasga a imagem sem cor
vertendo o vidro
o olhar perdido
Janela
abre a paisagem sem dor
ventando o dia de luz
difusa
Menina
aperta a flor esmagada
voando um pássaro
de asa quebrada
No espelho
a paisagem a menina a janela
Só não tinha imagem
o pássaro esmagado
a flor quebrada
Onde está a lágrima?

A BORBOLETA E A VIDRAÇA

De vidro a asa
a asa azul
no espaço solta
a borboleta vaga

E traça o vôo
e pousa no ar
e no ar parada
apenas a vidraça

Abraça gelada
a distância da flor
... ..

Borboletas bailarinas
de asas coloridas
que tecem um bailado
de brisa e perfume
entre flores...

VOZES DA INFÂNCIA I

Uma voz da infância
me chama recordar
a distância de um tempo ido
perdido de tão encontrado
e nos caminhos solenes de sonhos e soluções
recolho a cantiga esquecida
no sonho de se brincar
a boneca de pano
a primeira pipa que voou mais alto que o azul
as brisas e as garoas
os ventos e tempestades
o bolo de aniversário
o rio cheio de cascalhos
a coleção de pulgas dentro da caixa de fósforos
o medo do bicho-papão mais feio do que pintavam
e uma vontade secreta de navegar num barco de papel
a casa em cima da árvore
o muro do vizinho
o primeiro amigo e o papai-noel
aquela vontade doida de comer cola
ou de ficar um tempão
atirando pedra na água
pisar nas poças que a chuva deixou
pra se enfeitar de lama
teimar na mentirazinha
e levar palmadas.

VOZES DA INFÂNCIA II

No silêncio profundo
das vozes da minh'alma
ouço gemido da flauta
distante longínqua perdida
tento encontrar no vento
sua melodia sublime
feito cantiga de ninar
criança peralta
que brinca de roda
e dorme abraçada
na boneca de pano

Mistério de coisas cheias de brisa
fragrância de flores silvestres
campo coberto de sol
onde a garoa fina
vem desenhar a lembrança

Tempo de pedras-bonecos
de fadas e de certezas
ficar na ponta dos pés
e tocar o céu com a cabeça
correr de braços abertos
como se estivesse a voar
cavar um buraco pequeno
e encher co'a água do mar
encontrar a trilha de um formigueiro
e ficar o dia inteiro
sonhando no fundo do quintal.

VOZES DA INFÂNCIA III

Bolo de terra
marcado de mãos
cheio de mato
enfeitado de grãos

Bolo de terra
com gosto de chuva
na mesa de toco

Bolo de terra
oco
cor de chocolate
no fim do dia escarlate.

VOZES DA INFÂNCIA IV

Não fujas, pássaro pequeno,
que meus dedos chegaram a tocar
e tão trêmulos te assustaram
querendo voar com as tuas asas

Não fujas, pássaro dourado,
que te confundo com o sol
no galho mais alto da árvore
da minha idade pequena
entre minhas mãos
deixaste uma pena.

ETERNIDADE

Elos
Elos alados
Aleluias

Elencos de entes imersos em amor
Elos quero elos alados
Aleluias

Ou

Laços
Laços no espaço
Louvações
Conjuntos de seres amados amantes
Laços
Quero laços no espaço
Louvações.

MONOTONIA

Sempre este estar
nesta sala sentada
num canto de parede
parada
contando uma história
passada hora

sempre este estar presente
neste solo plantada
num ponto do chão
chacoalhada de vento
nesta árvore que dá sombra

sempre este estar
diferente no olhar
pairando sobre a paisagem
pronta arrumada na sala de jantar
enrolando o dedo no cabelo da nuca
ouvindo uma música antiga

sempre este estar
neste estado de árvore
transformada em mobília
rangendo os dentes pra não fazer nada
deitada no tapete da sala de visitas
à espera...

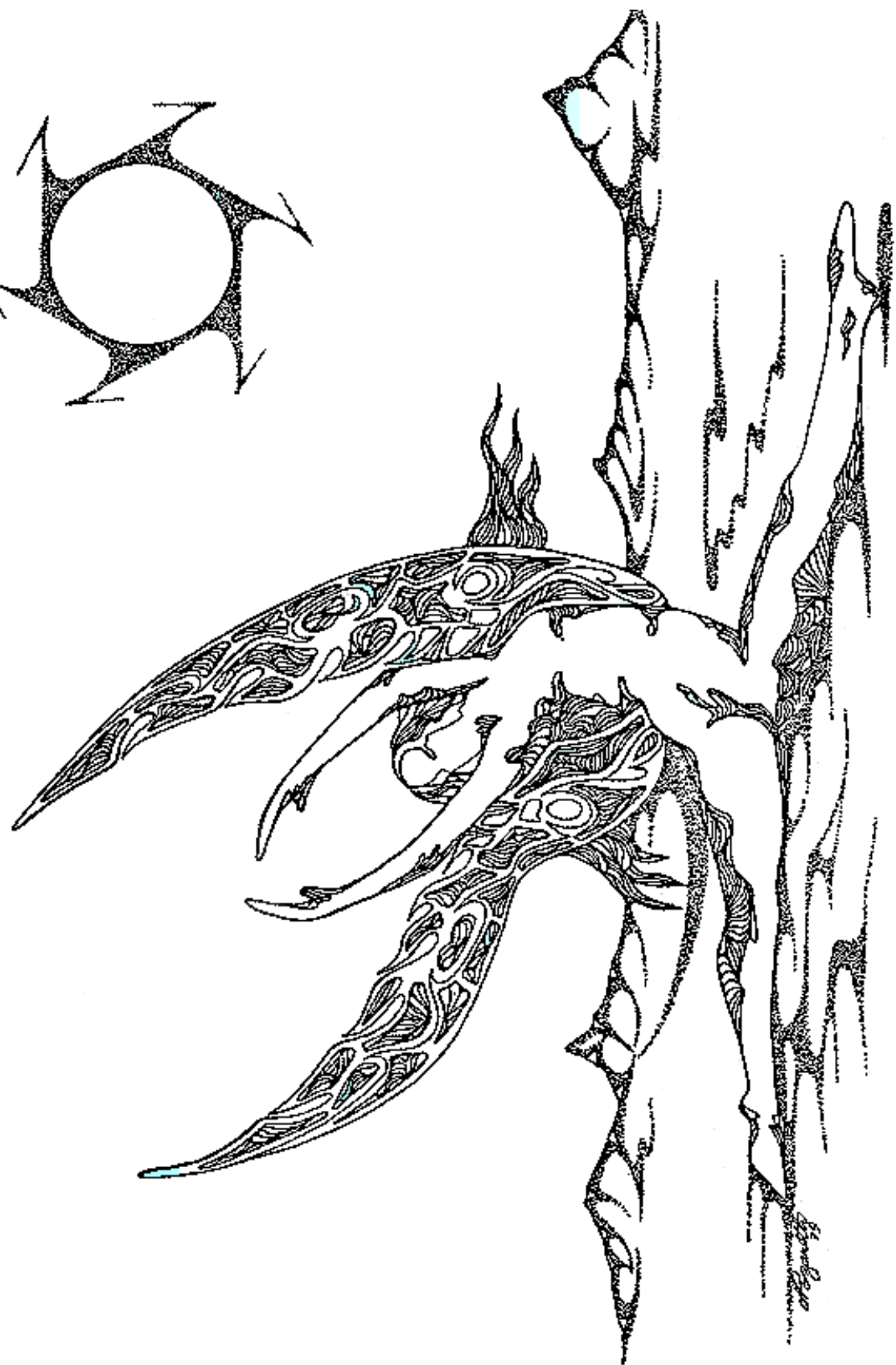
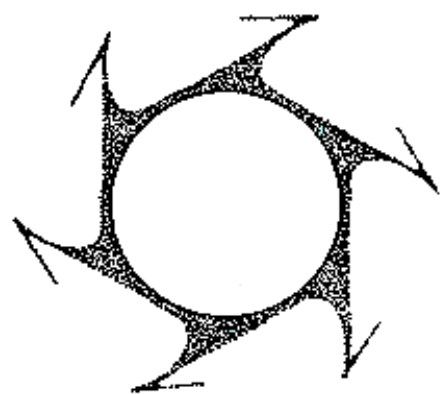
sempre este estar
cansada de abrir a janela
arrumar o vaso e o vazio
na sala sem pensar em nada
sempre este estar

calada de falar sim ou não
como melhor convém
sempre este estar
sem... a estar sempre
a estalar os dedos

a esticar as pernas
numa volta pelo ambiente
sempre este estar
doente de si mesmo
a morder a face cada vez
que se dá conta do espelho
e espalhar fumaça e espanar o pó
em cima das coisas e das almofadas
mofando solidão sólida
da maciez dos cantos da sala
sempre este estar
me cala...
retrato adormecido na parede...

DESABROCHAR

Rubra rosa rompe
a manhã sangüínea
Rasga o ar e cheira
Chora o orvalho
e engasga de pétalas.



O MENINO E O POETA

Um dia viu um menino um cristal
e pensou ter entre as mãos
uma estrela

Um dia viu o poeta uma estrela
e pensou ter entre as mãos
um cristal

Um dia viu o menino o poeta
e tinha entre as mãos
uma estrela

Então o poeta se viu menino
dentro de um cristal.

SER MÃOS

Ser mãos
totalizar gestos
mãos de erosão
a arranhar pedras
esculturas de vento
ex-culturas de vento
mãos suando orvalho
colhendo olhos

Ser mãos
mãos sacras
mãos que consagram entes
mãos nascendo de ser sempre
mãos a tecer preces

Mãos a conceber mãos a conhecer mãos

Ser mãos
no silêncio
a escorrer a vida
mãos que dão forma à massa
que deformam a massa
se perdem no espaço
se enlaçam num laço
se unem e se misturam
e se esquecem entre mãos.

ESCULTURA

Dormem rochas na paisagem
vazam rios
dominam matas

Acorda no meio do cerrado
uma flor amarela
outra vermelha desbota

Desabrocha a vida
meio terracota.

REFLEXOS

Diáfanas e diluídas
bolhas furta-cor
furtam ao olhar lânguido
longo brilho

Diálogo do impossível
indivisível e indelével
instante de ser

Sólido inconstante
diluir de espumas
nas brumas do entardecer.

LAVADEIRAS

Torcem retorcem esfregam
brancos tecidos
distráidos olhares

Mãos maleáveis
molemente em águas translúcidas
deixam ir espumas

Espalham risos
e o que fica
significa.

TEIMAS

Entar-descem horizon-teimas de luz
a-dor-mexem sombras cre(cor)pusculares
ganham formas silhuetas
decompondo clara(idéia)idade na penumbra
enquanto a espera de-ter-mina estrelas
entre-laçadas no véu da noite
sobre-face superfície

Horizonte ímãs de luz
entar-descem sombras
crê-a-dor-mexe cor-pusculares silhuetas

ganham formas decompondo
idéia clara-idade
enquanto espera
na penumbra de-ter
mina no véu da noite
estrelas entrelaçadas
sobre-face superfície

Sombras entar-descem
horizon-teimas de luz
ganham formas cor
cre-pusculares silhuetas
a-dor-mexe decompondo idade
clara-idéia de-ter-mina
na penumbra a espera
enquanto no véu da noite
superfície entre-laçadas
estrelas sobre a face.

CONSPIRAÇÃO

Paz-lavras mudas
modificam sons
só-lettram
edificam sentidos
como tantos
co-mutantes

Palavras tecidas
talhadas
aladas entre sonhos
sobram sombras
penumbras

pousam nos lábios
balbuciam sono-lentas
antes de ser
entardecer
estrelas e estalos

Palavra proibida
tolhida palavra polida
pedra lapidada do tempo
temperado esperado
comunicativo
comum e cativo

Palavra solta
expectativa e rumos
contados medidos
contaminados

Palavra semente
conspiração
perene palavra fruto
matéria bruta
obra prima
de línguas de fogo
revelando palavras luz

SERMÃO DO APOCALIPSE

Áridas palavras
aradas a esmo
en'laçam'simesmadas
seus sons
Há ridas palavras
esmeradas
cismadas em laços

Ávidas palavras
arriscam parábolas
misturam seus sons
articulados sentidos
Há vidas palavras
riscam mistos sons
arte-calculados sentidos

Palavras áridas
secam no canto da boca
mal soletradas
no vazio-cheio de frases
Palavras ávidas
selam o canto
solam a soma de sons
salvam os selos
e revelam no signo mágico
o sinal atávico
o sentido sagrado
de ser paz
lavrada em luz

RETUMBANTE

Rosnam os tempos
rangem os sinos
sinais melancólicos
do fim

Fitam semblantes
fingem semelhantes
entre si

Na balada da noite abalada
Na balada da noite abalada
Na balada da noite abalada

e o poeta
arranca
das palavras o suor
da lágrima à rima.

DEVANEIO

Senti teu olhar
preso no passado
em algum rochedo
algo mineral
imagem póstuma

Sentir distante
sentido ausente
adormecido sem dormir
dormindo sem adormecer
tateando sombras
mordendo lábios

Jeito menino
de quem está com vontade
de comer caramelo
e abraçar o vazio do dia
cheio de céu amarelo

Meio contraste
meio retrato
meio intermediário
teu olhar fugidio
vou buscar.

LUAR NA FRESTA

A lua está uma fresta
da janela clara-prata
espia escrita
entrevendo gosto amargo
fim de etapa
ponto final de verso
mal inspirado

A lua
uma fresta da janela
clara-prata
espia
escrita
entrevendo
um gosto doce
de começo-novidade.

METAS

Mulheres desengonçadas
carregando sacolas
rebolando franzidas
estampas desbotadas
lutando pelo sustento

pelo assento do coletivo
pelo pedaço de pão
para bocas que esperam
nas casas de cômodo
penduradas nos barrancos

arrastando chinelos
vão levando caminhos
andanças de ida e vida
da casa do patrão
janela, panela, ilusão

Esfrega a graça
e faz de fumaça
as esperanças cozidas
e postas nos pratos
bem servidos sobre a mesa.

MODERNOS TEMPOS CRUZADOS

Tudo é sagrado
sacro arado
açucarado

Varia o instante
valsa o vento
cânticos góticos

Alados estão os cavaleiros da Távola

Versamos
parimos as palavras
calamos a grande incógnita

Que olhos não querem ver o Rei?

Que o momento seja fiel
assim como está escrito
por todos os séculos...

O ANJO E A BRISA

Brisa que tão suave alisa
o cabelo louro do anjo
tecido entre auréolas
guardados como pérolas
no fundo dos oceanos
leva os enganos
dos pobres homens ciganos
dos sonhos

Brisa que tão suave alisa
o cabelo louro do anjo
espalha o arpejo
dessa lira sublime
que toca o tema sagrado
da orquestra sideral
perfume entre pétalas
abertas devagar

Guarda no teu silêncio
sibilado som de sino tangido
entre os segredos mais puros
desse anjo dourado.

TECIDO

Anoitecia
céu imenso imerso encolhia
frio friozinho
de leve anoitecia
tecia a noite seu véu

O azul se apagava
os sons deitavam
no balanceio
seio das árvores

Anoitecia
o frio recolhia o céu imenso
esperava uma estrela
que surge trêmula
a tremelicar
treme-melicar de brilho

Melancolia
encolhia o brilho perdido
na distância da noite

Sono-ninho no horizonte
o sol adormeceu

Anoitecia
ia aí anoiteceu
o céu teceu



Não me deixe escorrer entre os dedos
como as águas de um rio que passa
deixa-me pousar nos teus rochedos
como ave peregrina que esvoaça

CONTRADIÇÃO

Riacho chiando
entre pedregulhos
pássaro perdido
na linha do horizonte
quase do tamanho do sol
esconde a grandeza
de brilhar livre na imensidão
tendo como única prisão
o olhar absorto do menino
esperando a escuridão.

PAISAGEM MINEIRA

Morros sobrepostos
casas sobre morros postas
ladeando ladeiras

Ouro Preto prata portais
santos em poses pacíficas,
mas inconfidentes

Menina sentada
na escada na calçada
ensimesmada.

LIRISMO

A musa confusa de rimas
nos espaços imprevistos
do poema
acena muda
segredos sutis de poesia
plena de si

A vida flui
abraça terna luz
eterno lúmem
perpétua geometria

Celebrando a criação
cós mica ciência
consciência
cristalina razão.

PAISAGEM

O dia está
atmosfera brilhante
azul purpurificado

Pouso de ave peregrina
vôo lírico de pincelada
esquecida
na tela celeste

Mágico instante
inconstante.

A ÓPERA DO OPERÁRIO

O operário opera
espera
respira
apita

Solta fumaça pela chaminé
do seu boné

e repete o movimento
s i n c r o n i z a d o

com o batente competente
e compenetrado
no tratado referente

ao que sobra do salário.

Índice

Madrigal Pimpilante	05
Poema que a chuva conhece	06
Meu barco	07
Lotação	08
Indefinido	09
Versejando	10
Estrelas	11
Reflexos	12
Divagando	13
Sala de espera	14
Beijo	15
Recheio	16
Contando o Cotidiano I	19
Contando o Cotidiano II	21
Contando o Cotidiano III	22
Contando o Cotidiano IV	23
Descaminhos	25
Poeta da Vida	26
Poemar dos Barcos	27
Renascimento	28
Toupeiras	30
A Bailarina	31
Entrega	32
Z'óia	33
Luar	34
Vira-Volta	35
Desatino	36
Nascimento Vida e sorte da Margarida	39
Oração	42

Espelho	43
A borboleta e a vidraça	44
Vozes da Infância – I	45
Vozes da Infância – II	46
Vozes da Infância – III	47
Vozes da Infância – IV	48
Eternidade	49
Monotonia	50
Desabrochar	52
O menino e o poeta	55
Ser mãos	56
Escultura	57
Reflexos	58
Lavadeiras	59
Teimas	60
Conspiração	61
Sermão do Apocalipse	63
Retumbante	64
Devaneio	65
Luar na fresta	66
Metas	67
Modernos Tempos Cruzados	68
O Anjo e a Brisa	69
Tecido	70
Não me deixe escorrer entre os dedos	73
Contradição	74
Paisagem Mineira	75
Lirismo	76
Paisagem	77
A Óprea do Operário	78

